

Artes. Cênicas**O PARAÍSO EM BABEL**

Peça dirigida por Ismael Ivo nega espaço para a divergência

*
Crítica: Helena Katz

Não há dúvida a respeito do indispensável papel da educação como agente transformador da sociedade. Por isso, merece ser saudada a realização de uma atividade de formação continuada por parte de um evento que ocorre a cada dois anos, como a Bienal de Dança de Veneza. Pela primeira vez no Brasil tivemos contato com o resultado desse projeto, realizado no centro de treinamento em dança contemporânea de Veneza, o Arsenale Della Danza. Este ano, ele aconteceu de 17 de janeiro a 15 de maio, e reuniu 25 jovens de sete países, de 19 a 30 anos, dos quais 5 são brasileiros. O produto final, *Babilônia, Il Terzo Paradiso*, apresentou-se em São Paulo e em Santos, após turnê na Itália.

Trata-se do espetáculo que encerra uma trilogia assinada pelo diretor da Bienal de Dança de Veneza, o brasileiro Ismael Ivo, que inclui *The Waste Land* (2009), sobre problemas ambientais, e *Oxygen* (2010), que fez da sobrevivência o seu tema. Em *Babilônia, Il Terzo Paradiso*, Ivo declara, no texto do programa, buscar novas formas de comunicação que nos tirem do estado de confusão em que estamos.

Babilônia. Espetáculo acomoda traços culturais de 25 estudantes de origens diferentes



Um elenco composto com a pluralidade deste já manifesta a sua questão central: culturas, línguas e escolaridades diversas foram reunidas para rece-

ber informações de dança igualmente variadas. Os 25 jovens participaram de um curso composto por sete ciclos de master classes: a improvisação segun-

do Forsythe (Francesca Harper), o repertório de movimentos de Anne Teresa de Keersmaeker (Marion Ballester), a dança-teatro alemã (Kenji Ta-

kagi), a linhagem afro-caribenha de Katherine Dunham (Othella Dallas), o funk (Storm, pseudônimo de Niels Robitzky) e a capoeira (Fernan-

do Machado e mestre Plínio Ferreira dos Santos). O último ciclo foi dedicado à criação do resultado final e coordenado por Ismael Ivo.

Tendo a diversidade como característica principal – tanto dos participantes quanto da formação recebida –, a opção de Ivo parece ter escolhido outra direção. Fez nascer uma padronização gestual, reencenando o entendimento de coreografia habitualmente praticado em muitas companhias consolidadas, que é o de levar seus bailarinos a executarem da melhor maneira possível o que o criador propõe. Em um ambiente branco, os 25 estudantes acomodaram seus traços culturais debaixo de uma movimentação que não abriu espaço para a divergência ou para a incomunicabilidade que, normalmente, tingem situações como a que os envolvia e estimulam a invenção de estratégias que possibilitem um convívio. Um momento da obra, quando alguns deles falam em sua língua sem abrir um diálogo com o que o outro diz, aponta para uma riqueza que permaneceu submersa.

Como se trata do resultado de um projeto educacional, a busca de uma forma de comunicação que não apagassem as diferenças ganha maior relevância – tanto para os diretamente envolvidos, quanto para nós, sua plateia. No caso de *Babilônia*, faltou à sua impecável produção privilegiar o dissenso e valorizar as arestas. Fica a sugestão para as próximas edições desse projeto tão importante, justamente por favorecer, dada a sua configuração babilônica, esse tipo de experimentação.